



ATITUDES RELATIVAMENTE À HOMOSSEXUALIDADE EM PORTUGAL E NO BRASIL

Jorge Gato¹
Vanessa Barbosa Romera Leme²
Alessandro André Leme³

Introdução

Transformações nas sociedades contemporâneas tornaram indesejável a expressão aberta do preconceito contra grupos minoritários. Nesta medida, manifestações extremas de preconceito patentes, por exemplo, no constructo de *homofobia* já não conseguem apreender o leque de atitudes negativas relativamente a lésbicas e gays. Neste estudo, serão avaliadas duas manifestações do preconceito contra as pessoas homossexuais, numa amostra de estudantes brasileiros e portugueses: uma de carácter mais flagrante (Homopatologização) e outra de carácter mais sutil (Heterossexismo). Dada a natureza intercultural da amostra, caracterizaremos, em primeiro lugar, a situação brasileira e portuguesa no que diz respeito ao preconceito contras lésbicas e gays. Seguidamente, dar-se-á conta da evolução na conceptualização deste tipo de preconceito. Uma vez que são os indivíduos do sexo masculino que manifestam níveis mais elevados de homofobia, será também explorada a relação com a variável gênero. Finalmente, é apresentado o estudo empírico levado a cabo para concretizar os objectivos a que nos propusemos.

Preconceito contra lésbicas e gays no Brasil e em Portugal

De acordo com Almeida e Crillanovick⁴ (1999 apud LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002, p. 166), no Brasil talvez “não seja absurdo dizer que ser ou não ser homossexual ainda é uma questão bem mais aflitiva que ser ou não negro, deficiente físico, mulher”. Os resultados da

¹ Doutorando pelo Programa Doutoral em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/41752/2007). E-mail: jorgegato@fpce.up.pt

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – FFCLRP-USP

³ Doutor em Ciência Política e Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia – UFU – e-mail: alessandro@fafcs.ufu.br.

⁴ ALMEIDA, L. M.; CRILLANOVICK, Q. A cidadania e os direitos humanos de gays, lésbicas e travestis no Brasil. In: OLIVEIRA, D. D.; LIMA, R. B.; SANTOS, S. A.; TOSTA, T. L. D. (Orgs.). **50 anos depois: Relações raciais e grupos socialmente segregados**. Goiânia: MNDH, 1999. p. 167-183.



pesquisa “Juventudes e sexualidade” (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004), realizada em 14 capitais brasileiras, apontam, efectivamente, para níveis preocupantes de preconceito contra as pessoas homossexuais. Por exemplo, 25% dos estudantes inquiridos não gostariam de ter um colega de classe homossexual (resposta maioritariamente emitida por estudantes do sexo masculino). Para dar resposta a esta situação, o governo brasileiro lançou em 2004, o programa “Brasil sem homofobia”, cujo objectivo é desenvolver acções que previnam a violência contra as minorias sexuais.

Na sequência das reivindicações das associações de defesa dos direitos LGBT, assistiu-se, durante a última década, em Portugal, a importantes alterações legislativas no que concerne aos direitos civis das minorias sexuais (e.g., aprovação das uniões de facto entre pessoas do mesmo sexo em 2001; inclusão da orientação sexual no princípio da igualdade da Constituição Portuguesa em 2004; aprovação do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo em 2010). Não obstante esta evolução jurídico-legal, continuam a registrar-se, em Portugal, de acordo com diversos inquéritos sociais, níveis elevados de preconceito contra as pessoas homossexuais. Por exemplo, no Estudo Europeu dos Valores (EVS), de 1999, Portugal pontuou abaixo do ponto médio da escala de resposta num item respeitante à aceitação da homossexualidade (3.19 numa escala de resposta de 1 a 10, em que 1 = *nunca justificável* e 10 = *sempre justificável*) (FERREIRA, 2003). Dados mais recentes, indicam que os portugueses afirmam sentir-se menos à vontade com a ideia de ter um vizinho homossexual e apresentam menor probabilidade de conhecer ou ter como amigo uma pessoa homossexual, comparativamente com a média europeia (EUROBARÓMETRO, 2008). Como foi possível constatar, os dois países apresentam algumas semelhanças. Apesar de mudanças sociopolíticas recentes, elevados índices de preconceito ainda se fazem sentir, quer no Brasil, quer em Portugal. Contudo, as pesquisas científicas na área são ainda escassas dos dois lados do Atlântico. É portanto necessário investigarmos qual a configuração actual do preconceito contra as pessoas homossexuais nestes dois países. Antes se proceder a esta análise, é dada uma breve panorâmica acerca da evolução teórica deste tipo de preconceito.

Da homofobia ao preconceito sutil

Acompanhando as transformações sociais, as conceptualizações acerca do preconceito contra as pessoas homossexuais evoluíram de formas mais flagrantes para formas mais subtis. O constructo atitudinal mais disseminado no que diz respeito à homossexualidade é a *homofobia*. Este termo foi introduzido por Weinberg (1972) para descrever o “pânico de partilhar um mesmo espaço



com homossexuais” (p. 4). Alargando o âmbito do conceito anterior, Lehne⁵ (1976 apud LOGAN, 1996) estabeleceu uma relação entre a homofobia e uma visão rígida e maniqueísta do binómio masculino-feminino, cunhando o termo *homossexismo*. Este conceito traduz uma reacção à violação dos papéis sexuais tradicionais, uma vez que as lésbicas são estereotipadamente vistas como mais masculinas do que as mulheres heterossexuais e os gays como mais femininos do que os homens heterossexuais. Por outras palavras, as atitudes negativas perante a homossexualidade teriam menos a ver com a preferência homossexual do que com uma percepção rígida dos estereótipos e dos papéis de género⁶. Logan (1996) propôs, por sua vez, o termo *homopreconceito*. De acordo com esta autora o termo homofobia é inadequado e demasiado restritivo, uma vez que: i) os instrumentos existentes destinados à sua avaliação não captam uma sintomatologia verdadeiramente fóbica; ii) não abarca a diversidade de respostas adversas à homossexualidade; iii) remete a discriminação contra os homossexuais para o plano individual, ignorando os mecanismos religiosos, ideológicos e psicopatologizantes que lhe subjazem. Abarcando as causas ideológicas em que radica o preconceito contra lésbicas e gays, Morin (1977) sugeriu o termo *heterossexismo*, definindo-o como o “sistema de crenças que valoriza a heterossexualidade como mais «natural» que e/ou superior à homossexualidade” (p. 629).

Conceptualizações mais contemporâneas do preconceito contra as pessoas homossexuais têm surgido nos últimos anos. Por exemplo, Morrison & Morrison (2002) chamaram a atenção para as crenças que sustentam as expressões mais contemporâneas do preconceito contra as pessoas homossexuais, propondo o conceito de *homonegatividade moderna*. Tal como os conceitos de racismo ou sexismo modernos, esta homonegatividade assenta em três crenças nucleares: i) a discriminação contra os homens e mulheres homossexuais já não existe; ii) os direitos reclamados pelos gays e pelas lésbicas são ilegítimos (ou desnecessários); iii) os gays e as lésbicas exageram a importância da sua preferência sexual e, ao fazê-lo, auto-excluem-se da cultura dominante. Também no âmbito da Psicologia Social, arena teórica por excelência do preconceito, surgiram conceptualizações que salientam uma evolução na sua expressão (e.g., PETTIGREW; MEERTENS, 1995; VALA; BRITO; LOPES, 1998). Estas pesquisas, no domínio do preconceito racial e étnico, têm salientado o carácter mais dissimulado do preconceito e a sua manutenção em sociedades nas

⁵ LEHNE, G. K. Homophobia among men. In: DAVID, D.; BRANNON, R. (Orgs.). **The forty-nine percent majority: The male sex role**. Reading, Massachusetts: Maddison-Wesley, 1976. p. 66-88.

⁶ Neste trabalho não existe um paralelismo entre os termos *heterossexismo* e *homossexismo*: embora o primeiro termo corresponda à discriminação positiva da heterossexualidade, o segundo, como se viu, não é entendido como sinónimo de discriminação positiva da homossexualidade.



quais as práticas discriminatórias são proibidas e onde as pessoas preconceituosas são mal vistas.⁷ No âmbito da distinção entre preconceito flagrante e sutil relativamente às pessoas homossexuais merecem destaque alguns estudos realizados no Brasil e em Portugal (FLEURY; TORRES, 2007; LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002; MARINHO et al. 2004; PEREIRA; MONTEIRO; CAMINO, 2009). Globalmente, estas pesquisas são consistentes na identificação dos dois tipos de preconceito relativamente às pessoas homossexuais, tal como já tinha sido verificado relativamente a grupos raciais e étnicos minoritários.

Dado que os resultados dos estudos revelam consistentemente que são os homens que reportam níveis mais elevados de preconceito, é explorada, seguidamente, a relação com a variável gênero.

Gênero e preconceito contra lésbicas e gays

O gênero é um dos preditores mais fiáveis do preconceito homossexual, sendo as atitudes dos homens mais homofóbicas do que as das mulheres (para meta-análise ver KITE; WHITLEY, 1996). Este padrão é também observável em amostras de estudantes universitários (D'AUGELLI; HERSHBERGER, 1995; EVANS, 2001). Diversas razões foram apontadas para a explicação deste fenómeno. A masculinidade⁸ é um conceito socialmente construído de forma mais inflexível do que a feminilidade (FEINMAN, 1981; HORT; FAGOT; LEINBACH, 1990; MARTIN, 1990) e, nesta medida, existem mais sanções, desde a infância, para os homens que violam as expectativas associadas à norma heterossexual do que para as mulheres (ARCHER, 1989). Concomitantemente, os desvios a essa norma tendem também a ser julgados de forma mais severa pelos homens do que pelas mulheres, podendo mesmo afirmar-se que “ser ‘homem’ (...) é ser homofóbico” (HEREK,

⁷ Pettigrew e Meertens (1995) distinguiram entre racismo flagrante e sutil, sendo que o primeiro corresponderia à forma mais tradicional de expressão do preconceito (mais directa, quente e aberta) e a segunda à forma mais contemporânea de discriminação (mais indirecta, fria e discreta). Vala, Brito e Lopes (1998) investigaram o racismo em Portugal a partir de uma medida de preconceito sutil: a não atribuição de características positivas aos negros. Os resultados do estudo demonstraram uma diferença significativa em relação à avaliação positiva, pois os portugueses atribuíram mais traços positivos para o próprio grupo do que para qualificar os imigrantes negros. Apesar de os negros terem sido avaliados com traços menos positivos, a diferença de atribuição de traços negativos não foi significativa.

⁸ Para diferentes autores das ciências sociais (sociologia e antropologia) a construção da masculinidade caracteriza-se pelo estabelecimento das hierarquias na distribuição ou posição de poder que os indivíduos (homens e mulheres) possuem. Ou seja, vincula-se a masculinidade a dimensão do poder e, conseqüentemente, a formas de dominação e hierarquia dos indivíduos. Ainda que por abordagens teórico-metodológicas distintas citamos alguns autores que elaboram trabalhos nesse sentido, a saber: Bourdieu (1999), Giddens (1993), Foucault (1988) e Butler (2008).



1993, p. 316). Como já referimos, foi precisamente neste sentido que Lehne⁹ (1976 apud LOGAN, 1996) alargou o âmbito do conceito de homofobia, propondo o termo homossexismo.

Tendo por base a revisão de literatura efectuada, foram testadas as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Não se antecipam diferenças entre Brasil e Portugal nas duas expressões do preconceito.

Hipótese 2: Os participantes evidenciarão níveis mais elevados da expressão mais contemporânea do preconceito contra lésbicas e gays do que da sua expressão flagrante.

Hipótese 3: Os participantes do sexo masculino apresentarão níveis mais elevados de preconceito contras lésbicas e gays do que as suas congêneres do sexo feminino.

Método

Participantes

A amostra, não probabilística, é constituída por 844 estudantes provenientes de universidades públicas de Portugal (Universidade do Porto, Universidade de Lisboa, Universidade da Beira Interior e Universidade do Algarve) e do Brasil (Universidade Federal de Uberlândia). A idade variou de 17 a 60 anos, com uma média de 22 anos ($DP = 5.03$). Como se pode constatar através da Tabela 1, as amostras foram equilibradas em termos do curso e do gênero dos participantes.

Tabela 1. Características da Amostra

País	Brasil		Portugal		Total
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	
Curso/Gênero					
Medicina	62 (63%)	37 (37%)	76 (73%)	28 (27%)	203 (24%)
Direito	76 (61%)	48 (39%)	49 (73%)	18 (27%)	191 (23%)
Ciências Sociais (B)/ Sociologia (P)	27 (73%)	10 (27%)	27 (70%)	12 (30%)	76 (9%)
Engenharia Mecânica	11 (11%)	93 (89%)	15 (11%)	126 (89%)	245 (29%)
Pedagogia(B)/ Ciências da Educação (P)	52 (93%)	4 (7%)	59 (81%)	14 (19%)	129 (15%)
Total	228 (54%)	192 (46%)	226 (53%)	198 (47%)	844 (100%)

⁹ LEHNE, G. K. Homophobia among men. In: DAVID, D.; BRANNON, R. (Orgs.). **The forty-nine percent majority: The male sex role**. Reading, Massachussets: Maddison-Wesley, 1976. p. 66-88.



Instrumentos

Para avaliar o preconceito contra as pessoas homossexuais foi utilizada a Escala de Atitudes perante a Homossexualidade (EAH, GATO; FONTAINE; CARNEIRO, 2010), instrumento que se encontra numa fase de construção e validação junto de uma amostra de estudantes universitários portugueses. Antes de ser aplicada à amostra brasileira, a EAH foi sujeita a um processo de reflexão falada junto de seis pessoas de nacionalidade brasileira, após o que foram realizados alguns ajustes semânticos para facilitar a compreensão dos itens. A EAH é constituída por quatro dimensões atitudinais: duas positivas, que traduzem uma ausência de preconceito e elevada consciência da discriminação de que as pessoas homossexuais são vítimas (Interação positiva com lésbicas e gays e Suporte dos direitos e visibilidade de lésbicas e gays); e, duas negativas, traduzindo duas formas de preconceito, uma mais flagrante (Homopatologização) e outra mais sutil (Heterossexismo). Dado os objectivos deste estudo, foram utilizadas apenas as dimensões negativas. A Homopatologização é composta por cinco itens e corresponde à expressão aberta de uma posição intolerante e estereotipada relativamente a lésbicas e gays (e.g., “As lésbicas e os gays deviam submeter-se a terapia para mudar a sua orientação sexual”), assemelhando-se ao preconceito flagrante. O Heterossexismo é composto por sete itens e diz respeito a uma negação do direito à visibilidade social e à participação dos homossexuais em instituições tradicionalmente associadas à heterossexualidade (casamento e parentalidade) (e.g., “A legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo iria abalar os princípios fundamentais da sociedade”). Nesta medida, o Heterossexismo traduz uma expressão mais sutil e socialmente aceitável do preconceito.

Os sujeitos exprimiram a sua opinião acerca dos itens utilizando uma escala tipo Likert de 1 (*discordo completamente*) a 6 (*concordo completamente*). Os índices de consistência interna das duas dimensões apresentaram valores bastante razoáveis, quer para a amostra total, quer para cada um dos países (ver Tabela 2). Além da EAH, os sujeitos responderam ainda a um conjunto de questões socio-demográficas.

Tabela 2. Índices de consistência interna (*Alfa de Cronbach*) da Homopatologização e do Heterossexismo em função do país e da amostra total

	Brasil	Portugal	Total
Homopatologização	.84	.86	.85
Heterossexismo	.79	.81	.80



Procedimento

Após ter sido obtida autorização das respectivas instituições, os questionários foram colectivamente administrados no período disponibilizado para o efeito. Antes do preenchimento, foi fornecida informação acerca da natureza voluntária da participação, bem como da confidencialidade e anonimato das respostas. A administração ocorreu em ambiente de sala de aula e foi assistida pelo primeiro autor em Portugal e pela segunda autora no Brasil.

Resultados e discussão

Para averiguar diferenças nas variáveis em função do país e do gênero foram utilizados testes *t de Student*. Para verificar se os níveis de Homopatologização diferiam dos níveis de Heterossexismo foram realizados testes *t de Student* para amostras emparelhadas. Como se pode constatar na Tabela 3 não se verificaram diferenças em função do país nas duas variáveis, confirmando-se a hipótese 1.

Tabela 3. Diferenças na Homopatologização e no Heterossexismo em função do país

Variável	Brasil		Portugal		<i>t</i>	<i>g.l.</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Homopatologização	2.05 ^a	1.10	1.92 ^a	1.03	1.79	815.06	.08
Heterossexismo	3.42 ^b	0.81	3.52 ^b	0.71	1.73	829	.07

Nota. Diferentes letras simbolizam diferenças entre os valores médios de Homopatologização e Heterossexismo, para o Brasil [$t(412) = 37.45, p < .001$] e Portugal [$t(405) = 39.96, p < .001$].

Além disso, constatou-se que os níveis médios de preconceito são relativamente baixos, particularmente na Homopatologização. Provavelmente, tal deve-se ao facto de se tratar de uma amostra de estudantes universitários, uma população que tende a evidenciar atitudes sociais mais liberais. Nesta medida, a replicação do estudo numa amostra mais heterogénea poderia revelar níveis de preconceito mais elevados. A desejabilidade social inerente à utilização de um questionário não será também alheia aos níveis baixos de preconceito encontrados.

No entanto, os sujeitos portugueses e brasileiros evidenciaram níveis significativamente mais elevados de Heterossexismo do que de Homopatologização, comprovando-se a hipótese 2 (diferenças assinaladas através das letras *a* e *b* na Tabela 3). De facto, dada a similitude do ambiente cultural dos dois países, os participantes dos dois países poderão ter interiorizado, de forma semelhante, a norma social que impede uma expressão aberta do preconceito, como é, por exemplo, considerar a homossexualidade uma patologia. No entanto, os níveis significativamente mais



elevados que se verificaram no Heterossexismo (próximos do ponto médio da escala tipo Likert utilizada – 3.5) são indicativos da presença mais dissimulada e contemporânea do preconceito relativamente às pessoas homossexuais. Efectivamente, embora discordem de que a homossexualidade seja uma perturbação psicológica, os participantes tendem a concordar mais com a apreciação desta orientação sexual como substancialmente diferente da heterossexualidade, com consequências nos papéis familiares, nomeadamente no que diz respeito ao casamento e à parentalidade. Esta estrutura de pensamento poder-se-ia resumir no seguinte raciocínio “a homossexualidade não é uma doença, mas o que é diferente deve ser tratado de forma diferente”. Estes resultados são também consistentes com as pesquisas que identificaram dois tipos de preconceito relativamente às pessoas homossexuais (MARINHO et al., 2004), que constataram uma maior atribuição de características positivas às pessoas heterossexuais (FLEURY; TORRES, 2007), e que verificaram que as expressões mais subtis do preconceito são mais imunes à pressão das normas sociais do que as expressões flagrantes do mesmo (PEREIRA; MONTEIRO; CAMINO, 2009).

No que diz respeito ao gênero, como se pode verificar na Tabela 4, verificaram-se diferenças entre homens e mulheres, quer na Homopatologização, quer no Heterossexismo, confirmando-se a hipótese 3.

Tabela 4. Diferenças na Homopatologização e no Heterossexismo em função do gênero

Variável	Mulheres		Homens		<i>t</i>	<i>g.l.</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Homopatologização	1.78	0.96	2.24	1.12	6.53	795.70	.000
Heterossexismo	3.31	.73	3.65	0.76	6.39	829	.000

Estes resultados estão de acordo com os estudos que indicam que o gênero é um dos preditores mais poderosos do preconceito contra as pessoas homossexuais (KITE; WHITLEY, 1996, 1998), inclusive em pesquisas conduzidas junto de amostras de estudantes universitários (D'AUGELLI; HERSHBERGER, 1995; EVANS, 2001; KURDEK, 1988). Efectivamente, comprovou-se que os homens são mais inflexíveis do que as mulheres no que diz respeito às normas de gênero, julgando de forma mais severa aqueles que consideram desviar-se dessas mesmas normas (HEREK, 1988, 1993; KITE; WHITLEY, 1996).

Conclusão geral



Não obstante ser considerada como desejável, quer pelo Estado Brasileiro, quer pelo Estado Português, a ausência de discriminação em função da orientação sexual está longe de ser garantida, quer em termos institucionais, quer interpessoais, sendo, por isso, urgentes programas de luta contra o preconceito relativamente a lésbicas e a gays. Com base nos resultados obtidos, os agentes educativos e psicossociais, particularmente aqueles que operam no espaço universitário, devem ser sensíveis, quer a expressões mais modernas do preconceito, quer à maior incidência deste na população masculina. Algumas limitações do estudo devem, contudo, ser mencionadas. Em primeiro lugar, a amostra é constituída exclusivamente por estudantes universitários, não sendo por isso representativa da população geral. Em segundo lugar, embora os índices de consistência interna das dimensões utilizadas sejam elevados, não foram realizadas análises confirmatórias das escalas na amostra brasileira. Independentemente destas limitações, este estudo parece ter contribuído para um melhor conhecimento do preconceito contra as pessoas homossexuais, das suas nuances e das diferenças em função do gênero, no Brasil e em Portugal.

Bibliografia

- Archer, J. Childhood gender roles: Structure and development. *The Psychologist*, v. 9, p. 367-370. 1999.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BUTLER, J. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. New York: Routledge, 2003.
- Castro, M. G.; Abramovay, M.; Silva, L.B. *Juventudes e sexualidades*. Brasília: Unesco, 2004.
- D'Augelli, A. R.; Rose, M. L. Homophobia in a university community: Attitudes and experiences of heterosexual freshmen. *Journal of College Student Development*, v. 31, p. 484-491. 1990.
- EUROBARÓMETRO. *Discrimination in the European Union 2008. Results for Portugal, 2008*. Open access. Disponível em:
<http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_296_sheet_pt.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2010.
- Evans, N. J. The experiences of lesbian, gay and bisexual youths in university communities. In: R. D'AUGELLI, A. R.; C. J. PATTERSON, C.J. (Eds.), *Lesbian, gay, and bisexual identities and youth: Psychological perspectives*. New York: Oxford University Press, 2001. p. 181-198.
- Feinman, S. Why is cross-sex-role behaviour more approved for girls than for boys? A status characteristic approach. *Sex Roles*, v. 7, p. 289-300. 1981.
- Ferreira, P. M. Valores morais: as noções de “certo” e de “errado” na transição pós-moderna. In: VALA, J.; CABRAL, M. V.; Ramos, A. (Eds.), *Valores sociais: Mudanças e contrastes em Portugal e na Europa*. Lisboa: ICS, 2003. p. 95-122.



- Fleury, A. R. M.; Torres, A. R. R. Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais. *Estudos de Psicologia*, v. 24, n. 4, p. 475-486. 2007.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2005.
- Gato, J.; Fontaine, A. M.; Carneiro, N. S. Construção e validação da Escala de Atitudes perante a Homossexualidade. Manuscrito submetido para publicação. 2010.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.
- Herek, G.M. Heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay men: Correlates and gender differences. *The Journal of Sex Research*, v. 25, n. 4, p. 451-477. 1988.
- Herek, G. M. On heterosexual masculinity: Some psychical consequences of the social construction of gender and sexuality. In: GARNETS, L. D.; KIMMEL, D. C. (EDS.), *Psychological Perspectives on Lesbian and Gay Male Experiences*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1993. p. 316-330.
- Hort, B. E.; Fagot, B. I.; Leinbach, M. D. Are people's notions of maleness more stereotypically framed than their notions of femaleness? *Sex Roles*, v. 23, p. 197-212. 1990.
- Kite, M. E.; Whitley, B. E. Jr. Sex differences in attitudes toward homosexual persons, behaviors, and civil rights: A meta-analysis. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 22, p. 336-353. 1996.
- Lacerda, M.; Pereira, C.; Camino, L. (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 1, p. 165-178. 2002.
- Logan, C. R. Homophobia? No, homophobia. *Journal of Homosexuality*, v. 31, n.3, p. 31-53. 1996.
- Marinho, C. A. et al. Adaptação da escala de homofobia implícita e explícita ao contexto brasileiro. *Paidéia*, v.14, n. 29, p. 371-379. 2004.
- Martin, C. L. Attitudes and expectations about children with nontraditional and traditional gender roles. *Sex Roles*, v. 22, p. 151-165. 1990.
- Morin, S. F. Heterosexual bias in psychological research on lesbianism and male homosexuality. *American Psychologist*, v. 32, p. 117-128. 1997.
- Morrison, M. A.; Morrison, T. G. Development and validation of a scale measuring modern prejudice toward gay men and lesbian women. *Journal of Homosexuality*, v. 43. n. 2, p. 15-37. 2002.
- Pereira, A.; Monteiro, M. B.; Camino, L. Social norms and prejudice against homosexuals. *The Spanish Journal of Psychology*, v. 12, n. 2, p. 576-584. 2009.
- Pettigrew, T.; Meertens, R. Subtle and blatant prejudice in western Europe. *European Journal of Personality and Social Psychology*, v. 75, p. 811-832. 1995.
- VALA, J.; BRITO, R.; LOPES, D. *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa: ICS da UL, 1998.



Weinberg, G. Society and the healthy homosexual. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1972.